

O visitante sorriu,
 Joaquim pediu-lhe perdão
 Recebendo, envergonhado
 A dádiva de um bilhão.
 Mantendo nas próprias mãos
 O cheque pleno de ensinós,
 Pensava no grande ensejo
 De serviço aos pequeninos.

Moral da história: quem queira
 Obras de amor e valia,
 Que cultive a tolerância
 E cuide da cortesia.

O COFRE

A viúva Dona Adélia
 Fora linda e muito rica,
 Ajaezada de jóias
 Na Fazenda de Benfica.
 Mas tudo via em mudanças,
 Desde a morte do marido,
 Fazenda, granjas e terras,
 Tudo ela havia perdido.
 Tinha dois filhos adultos,
 Liberato e Consentino,
 O primeiro — jogador,
 O segundo — libertino.
 Gastavam dinheiro, a rodos,
 Sob avais e mais avais;
 Quando a viúva acordou,
 Tinha assinado demais.

Perdera fazenda e terras,
 As jóias que possuía,
 Todo o crédito bancário
 E a casa de moradia...
 Os dois filhos lhe arranjaram
 Duas estreitas salinhas,
 Onde moravam com ela
 Um gato e duas galinhas.
 Comiam do que lhes dessem,
 Por simpatia e bondade,
 As pessoas de visita,
 Em nome da caridade.
 Os filhos, porém, notaram
 Que ela guardava com gosto,
 Um cofre, sob disfarce,
 Num travesseiro bem posto.
 Certo dia, com malícia,
 Perguntou-lhe o Liberato:
 — “Mãezinha, o que há no cofre,
 Que recebe tanto trato?”

Ela apenas respondeu,
 Mostrando certo cuidado,
 — “Neste cofre, tenho o resto
 Do meu dinheiro guardado.”
 Desde esse dia, a viúva
 Teve os filhos, ao redor,
 Ela, as galinhas e o gato
 Comeram muito melhor.
 Vários anos se passaram
 Com melhoria e regalo:
 Os filhos, olhando o cofre
 E ela sempre a resguardá-lo.
 Em luminosa manhã,
 Os moços, abrindo a porta,
 Estremeceram de susto,
 Dona Adélia estava morta.
 Guardaram o cofre, às pressas,
 Trouxeram médico e gente...
 E ao fim do dia lhe deram
 Funeral sóbrio e decente.

Ambos sozinhos, à noite,
 Abriram o cofre, enfim...
 O cofre só tinha conchas
 E um bilhete escrito assim:
 — “Filhos do meu coração,
 Meus filhos que tanto amei,
 Perdoem se nada tenho...
 Tudo o que eu tinha, eu lhes dei...
 Mas, agora, se desejam
 Ouro e mais ouro a rolar,
 Aceitem o meu conselho:
 Cada um vá trabalhar!...”

PEQUENA HISTÓRIA DE JOAQUIM

Curado em pequeno grupo
 Pela bondade de um Guia,
 Fez-se mudado e contente
 O amigo Joaquim Faria.
 Negociante otimista,
 Sempre afável, prazenteiro,
 Prometeu servir aos pobres,
 Se Deus lhe desse dinheiro...
 O dinheiro desejado,
 Em certa hora, o alcança,
 Era agora um homem rico,
 Através de enorme herança.
 Desencarnando, um avô
 Deixara-lhe grandes rendas,
 Apólices e seguros,
 Minerações e fazendas.